

Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 888
 GUIMARÃES, 6 de Fevereiro - 1949
 Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

UNIÃO Vimaranense

Ainda a propósito da homenagem ao ilustre vimaranense, Sr. António José Pereira de Lima, ultimamente realizada, foi ali focada — como nota dominante do imperativo da consciência de todos os vimaranenses que almejam o progresso da sua terra — a necessidade de uma **União** que permita criar no espírito dos Altos Poderes nacionais a certeza de que os vimaranenses se encontram unidos para defenderem e patrocinarem as suas aspirações.

Com essa **União**, aliás, já apontada como absolutamente necessária e útil pelo autor da série de artigos referentes ao marasmo a que foi votado o novo edifício dos Paços do Concelho e publicados no «Notícias», no ano findo, não só os vimaranenses tomariam uma atitude digna do seu amor bairrista, como, ainda, se colocariam em condições de melhor servirem a sua terra. Evidentemente, que tal **União** de modo algum implicaria com os credos políticos e as crenças religiosas de cada um e, portanto, apenas subsistiria para pugnar pelos interesses de Guimarães, com mais entusiasmo e com mais esperanças na efectivação de realizações que se tornam indispensáveis e até urgentes.

Se se analizarem, com justiça e com imparcialidade, os possíveis resultados práticos de um bom entendimento de bairrismo entre os vimaranenses dignos desse nome, com certeza que será a própria consciência de cada um a manifestar-se nesse sentido.

Quer pela História, quer pela experiência, nós sabemos que sem a devida **União** não poderá obter-se a força necessária para se conseguirem certos e determinados objectivos, designadamente em alguns sectores da vida dos povos.

No presente caso — e porque estamos a tratar da **União Vimaranense** como lógico factor progressivo da cidade e concelho de Guimarães — não poderemos deixar de acentuar, com leal e sincera franqueza, que a prosperidade desta terra não tem correspondido, desde um passado bastante remoto, ao que por direito e por justiça lhe pertence. Foi beneficiada, sem dúvida, com melhoramentos de reconhecida importância nos últimos anos, mas os principais foram devidos ao programa das Comemorações Centenárias, pois que, se assim não tivesse acontecido, em maior escala se encontraria o seu atrofamento em relação a outras terras do país, mais bafajadas pela sorte do seu destino ou, talvez, mais felizes pela **União** dos seus habitantes e pela persistência destes junto do Poder Central, não por meio de simples embaixadas constituídas pela cômoda correspondência oficial, mas sim pelos representantes das suas Forças Vivas, acompanhados das respectivas Autoridades. Porém, outrotanto não se tem verificado — quanto à última parte do período anterior —

em algumas terras, nas quais em vez de Forças Vivas quase só existem Forças agonisantes, e que, por isso, não estimulam as próprias Autoridades, que, por seu lado, se sentem isoladas da cooperação e da iniciativa particulares, salvas as raras e dignas excepções.

E tudo isso sucede, porque? Pela falta de **União** a que nos vimos referindo, o que em Guimarães também se faz sentir.

Não fazemos estas considerações com a pretensão de julgarmos criminosos os vimaranenses pela diferença das suas ideologias políticas e dos seus sentimentos religiosos, mas apenas pretendemos demonstrar que não constituirá crime — mas antes o contrário — o facto de todos se unirem para trabalharem, em boa harmonia e em boa paz, pela sua terra.

E para terminar, vamos reprodurir o que ouvimos a um forasteiro, no primeiro dia das últimas Festas da Cidade, quando o estado do tempo parecia ameaçar chuva. Dizia ele, em resposta a um outro que manifestava o seu pesar se a chuva viesse prejudicar o brilho e a imponência dessas Festas: — «Não se incomode com isso, porque os Vimaranenses que foram capazes de construir uma Praça de Touros em cinco dias, também são capazes de fazer parar a chuva em cinco minutos!»

S. M.

Dakar

*A luz que veste
 minha cisma é outra.
 Cruzaram-se em meus olhos
 paisagens de sonho verde,
 tapetes de deserto,
 o êxtase dos mares,
 o sortilégio das cores.*

*O brouhâhá das coisas
 conduz a alma,
 dá-lhe enleios,
 sensações, êxtases,
 rodopio.*

*Dakar é um encantamento,
 espelho onde se reflectem
 todas as luzes do mundo,
 num álgido desafio.*

*Música febril, irreal,
 sonho inacabado,
 o Senegal
 é como um enroscar
 de serpente
 enlevo refulgente,
 alma negra incontente.*

*Dakar, espelho iluminado
 onde tudo diz sortilégio,
 é um bruxedo fervente,
 um tam-tam dos sentidos
 onde a alma se debruça,
 labareda sempre acesa,
 onde o sol é um fetiche
 numa terra de azeviche.*

LA CORNICHE,
 DAKAR, 21-XI-1948.

CORREIA DA COSTA.

O canto do cisne

*No grande lago de água cristalina
 Reinava um cisne esbello, aristocrata...
 Era o senhor supremo da piscina
 Onde o Sol o beijava em ouro e prata...*

*Na margem uma rosa alabastrina
 Cantava a sua vida, sempre ingrata,
 A'quele cravo d'alma jacobina,
 A'quele cravo rubro d'alma acrata...*

*Os rouxinóis poetas não faltavam:
 Volatas de ternura deliravam,
 Que subiam num sonho até ao céu...*

*O cisne, um dia, triste, de paixão,
 Sentiu cantar lá dentro o coração
 E muito tristemente assim morreu...*

Fevereiro de 1949.

DELFIN DE GUIMARÃES.

Águas passadas...

Uma árvore amiga

No Campo de S. Mamede há uma velha árvore pública. Um dia, que passou há 18 anos, dispensei a essa frondosa árvore carinhoso trato. Em serviço municipal a tratei. A sua volta, ábertos em socalco quadrangulado ficam quatro bancos. O povo, que gosta de descansar à sombra das árvores frondosas, utiliza-os. Nas tardes estivais, a mocidade baila à sua volta. Os namorados, ali se sentam, amorosamente.

Dirá o meu leitor: — Mas isso é poesia! Pois é, com efeito, poesia. Poesia prática, que o povo pretende, e aprecia, e agradece, amando aquela árvore.

Foi o que, há dias, eu pude gostosamente experimentar, quando um mestre sapateiro, com oficina em Arcela, me falou gratamente desses bancos de pedra que circuitam a velha árvore pública.

Então lhe prometi contar uma pequena história, a propósito de tão modesta iniciativa municipal.

Quando se procedia, há 18 anos, a essa pequena obra, o feitor do fidalgo do Cano contrapõe-se. Delicadamente o fez, valha a verdade. Evocou direitos de propriedade. Em seu dizer, era aquela árvore propriedade do seu amo. E pediu-me o fiel servo, fizesse suspender a obra, até que de Lisboa, onde residia o fidalgo, viesse qualquer assentimento à obra.

Não quis aceitar a legitimação de tal direito. Perentoriamente, respondi: — que a obra municipal prosseguiria! Tempo decorre. Uma carta me chega, vinda de Lisboa. Nela o fidalgo me faz a promessa de uma conferência, para apuramentos de direitos sobre essa árvore — o velho carvalho do Cano, que o povo do lugar consuetudinariamente usufrui, goza, e aprecia.

A entrevista entre o suposto proprietário dessa árvore e o representante do Município, não se realizou. Dezoito anos passaram sobre este facto singular. Aludo ao caso, por me haver falado gratamente dessa

árvore, um mestre sapateiro, com oficina em Arcela.

Camilo Castelo Branco fala, em «Maria da Fonte», do fidalgo do Cano — o chefe mi guejista Gaspar Leite. A este, no dizer do romancista, se sucedeu João Peixoto de Bourbon da Silva Almeida Macedo de Carvalho, titulado Visconde de Lindoso. Não quero saber se esta genealogia está certa, ou é coisa romaneada. Mais certeza — e só isto interessa — é a existência de uma devesa que ficava em frente da Casa de Lindoso, a qual, segundo uma efeméride histórica informa: haver sido aforada pela Câmara ao fidalgo Gaspar Leite.

Em 1612 a Câmara procedeu ao registo dos bens municipais. Consta do seu Tombo esta referência:

«... Saindo da porta da Garrida para o Salvador estão ao longo da estrada cinco álamos e um carvalho, que são do concelho... e se puseram à custa do concelho, para sombra das procissões solenes que à ermida do Salvador vão, em dia de Corpus Christi e de Santa Isabel, e nelas não tem pessoa alguma, cousa alguma».

Prosseguindo o inventário municipal de 1621, acrescenta: «Em redor da ermida do Salvador... dez carvalhos velhos e dez carvalhos novos e duas oliveiras grandes e hua mais pequena, que todas são do concelho, com o rocio e terra em que estão, sem pessoa alguma ter parte nelas».

(Arquivo Mus. B 5-4-11, fl. 168 v. e L.º das Provisões 1612, fl. 127).

A quem pertence, afinal, aquele velho carvalho do Cano, que um Vereador, há 18 anos, carinhosamente tratou?

Longa — Tabuaço.

A. L. de Carvalho.

Vai ao PORTO?

Não gaste muito dinheiro. Almoce ou jante com 8\$80 no **Restaurante Lusitânia** — R. do Benjardim, 338.

Albano Guise Um Poeta

Por AURORA JARDIM.

Faz anos na próxima quinta-feira, dia 10, este nosso querido Amigo e Conterrâneo.

Não poderíamos nós olvidar a data natalícia do prestimoso Cidadão Vimaranense que, embora longe da sua Pátria, jamais deixou de congratular-se com o seu progresso.

Vivendo as horas de alegria e as horas de tristeza da sua Terra, que tanto estremece, ele tem sabido im-



Sentir que um novo Poeta surgiu, é como, em mancha de várias pedras coloridas, descobrir a que é preciosa.

Assim nos aconteceu com Octávio Filgueiras ao folhear o seu livro intitulado Requiem às glórias do mundo.

De formação artístico-científica, embora se debruce por sobre as misérias do mundo, é um poeta que não fala de amor.

De amor-paixão e isso faz um pouquinho de sombra a toda a luz que do conjunto se exala para resplandecer.

Verso moderno em que a rima não é tirania; verso profundo em que o conflagrador impressiona.

Personalidade vincada em mármore — mas coração sofrendo por todas as dores observadas.

E a originalidade, a afirmação pessoal que marca a entrada de Alguém.

A Rede

*De cambalhada
 Saltaram no passeio
 Seis homens mal vestidos:
 E logo a sua inteira
 Foi tomada
 Na rede fina
 De fio reforçado.
 O cão-sem dono
 Uivou;
 O cerco aperta...*

*Em voltas, contra-voltas,
 Saltando aqui, além,
 Arremetendo,
 A boca escancarada
 E a tremenda fiada
 De dentes
 Bem aberta,
 O cão-sem dono
 Bem procura
 Em toda aquela gente ali metida
 A fala amiga
 De alguém, que o proteja.*

*O seu amor à vida
 A sua cefaléia humana
 De ser preso,
 A sensação estranha
 De que um fim atroz
 Já o espera
 Põem-no louco:*

*E salta,
 E morde,
 E estrangalha,
 E rasga, e fere,
 E quase mata.*

*Chovem pancadas
 — Trinta mil gentes
 Se lançam prausuosas
 Contra o selvagem,
 Que anda sem colseira.*

*E a rede leva
 Pra dentro da carroça
 O cão em postas
 Usando fracamente.*

por-se através dos seus gestos rasgados, da sua generosidade sem limites, das suas provas de dedicação e de arreigado amor ao torrão natal, à consideração, à estima e ao respeito de todos os seus conterrâneos, mais ainda de todos quantos o conhecem e nele têm podido ver e admirar as primorosas qualidades que exornam o seu coração.

Estando em festa, no dia 10, o seu Lar distante, em Terras de Santa Cruz. Dessa festa compartilhamos nós, enviando cá de longe as nossas saudações e homenagens, o nosso abraço de parabéns, com votos de prosperidades sem conta para si e para os seus, a quem igualmente muito estimamos.

Mágoas!...

O novo bairro...

Quem já foi ao Bairro das Casas Económicas, não deixou de certo de sentir, que aquela zona de feições bem diferentes daquelas outras a que a rotina nos obrigara a ver dentro de portas, se apresenta em moldes de grandeza, que para muitos olhos se torna de grandeza bem maior.

Mas... quem com olhos de ver, deixou no esquecimento aquela outra «construção em bebé» que já se vislumbra em traços definidos, junto dum edifício que em proporções lhe é muitas vezes superiores?

Feriu-nos a sensibilidade e amor que devotamos à nossa Terra, porque sabemos que há quem nos pudesse livrar dos males... que amanhã será demasiado tarde para remediar.

E' dos elementares requisitos das construções a satisfação estética, que haverá de se alcançar por bem poucos pontos de vista; por isso mesmo difícil o se votarem ao esquecimento.

Falamos da beleza no enquadramento, na harmonia com a vizinhança.

A escala das proporções não

deveria por-se de parte, para que a satisfação estética se conseguisse e se pudesse dizer que a nossa Terra é de povo civilizado, pois só este procura a Estética e esta os caracteriza.

Podemos a construção em si, ser harmoniosa... mas o que sabemos é que não tem harmonia no novo conjunto que está a nascer.

Não houve cuidado!... Sentimos mágoa...

Aquela parede...

Quem com os seus afazeres, raras vezes passa em determinadas ruas, não é de espantar o sentir que nós tivemos.

Naquela noite em que assistimos de longe ao grande incêndio da Rua da Rainha, sentimos e meditamos no dever que os serviços respectivos

A VOZ DAS FREGUESIAS

A PARAGEM DO NOSSO INQUÉRITO

Motivos vários e completamente estranhos à própria organização redactorial do «Notícias de Guimarães» têm forçado a paralisação do Inquérito que tem vindo a ser feito através das freguesias do nosso concelho.

A falta de saúde ultimamente sentida pelo redactor encarregado dessa missão, não tem permitido que esses motivos sejam debelados com rapidez, e de aí a ausência desta secção há já algumas semanas e que se manterá por mais uma ou duas.

Tudo leva a crer que assim aconteça, pois para a conclusão do Inquérito faltam somente serem visitadas as freguesias de S. Jorge de Selho e de Moreira de Cónegos, além das que circundam a cidade e que facilmente farão os seus depoimentos.

Nesta conformidade, agradecemos desde já que as entidades destas freguesias preparem os seus quesitos, se o não fizeram já, para que o nosso trabalho não sofra nova interrupção antes do seu termo.

KING.

“A IMPERIAL”

é a casa que Você vai preferir, pelo gosto dos seus artigos, pelo aroma dos seus perfumes e pela beleza dos seus produtos.

D. Domingos Gonçalves

Passou no pretérito dia 1 o aniversário natalício do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, nosso querido Conterrâneo e Venerando Bispo Coadjutor da Guarda, a quem, embora tardeamente, queremos cumprimentar, fazendo votos pela continuação das suas prosperidades.

teriam por bem não permitir, quanto à continuação de processos constructivos, que tantas aflições causavam a quem, inclusivé, aos de longe como nós, sentia o coração em ânsias pelas vidas e bens que estavam em jogo.

Desde esse dia, redobramos de cuidados em casa, pois víramos a casa do visinho a arder...

Há alguns dias, de novo passámos na mesma rua e qual a nossa mágoa em vez de todos os nossos pensares e anseios, pelo bem e segurança de cada um, sentidos ante o pavor das derrocadas que nossos olhos viram, não tiveram eco nem sentir noutros lugares.

Permitiu-se que a parte incendiada fosse refeita, mas perguntamos: não seria possível defender os bens próprios e os dos vizinhos com uma construção eficiente e não do molde em que se está a fazer, que mais dá a ideia que acendendo-se um fósforo à porta da rua, tudo será pasto das chamas, outra vez, até ao telhado?

O ter-se feito, em tempos idos, paredes exteriores com esqueletos de madeira, não justifica o novamente poder fazer-se agora. Há regulamentos em vigor... que nós por sentida curiosidade procuramos.

E' de admirar o que há escrito... e parece ser desconhecido.

Pobres vizinhos... a quem as visões tanto devem tirar o descanso de dormir.

Carlos Sombrio
Integrou no seu livro

“Almas Rústicas,”
Impressões sobre as Festas Gualterianas

Carlos Sombrio, escritor premiado em vários concursos literários, esteve em agosto passado de visita à nossa terra, por ocasião das Festas Gualterianas, como então noticiámos. Acaba este apreciado publicista de escrever mais um romance — «Almas Rústicas» — e, ao fazê-lo, quis honrar-nos, ocupando-se da nossa terra, colocando nesse livro as suas impressões sobre as nossas Festas a S. Gual-



Carlos Sombrio na companhia do Poeta Jerônimo de Almeida, nosso distinto colaborador.

ter, impressões que pôs na boca de uma das personagens mais vencedoras do seu esplêndido romance, ao qual está destinado um merecido sucesso, o mesmo que tem sido alcançado pelo brilhante escritor, com as obras anteriores, quase todas esgotadas.

Conhecedor dos anseios das almas, Carlos Sombrio consegue dar-nos, não apenas um frágil trabalho de ficção, mas um trabalho duramente batido por forte cubno de realidade, onde se encontram impetuosas cenas de empolgante desfecho, inesperadas atitudes, tudo dentro de um estílo que marca a verdadeira garra de um grande escritor.

«Almas Rústicas», tema arrancado às gentes dos campos e dos amanhos das terras, aceita-se ainda como uma formosa lição de ternura e de moral, constituindo, por tal razão, um motivo literário de grande relevo, podendo aconselhar-se a todos a sua leitura.

O nosso Minho não foi esquecido, nem a nossa terra, passando-se algumas cenas na «Quinta da Milhareira» — uma propriedade que, com outro nome, existe efectivamente perto da nossa terra e de onde se avista a cidade.

Estilista primoroso, possuidor da arte de bem escrever, criador fecundo de emoções, Carlos Sombrio traçou um romance onde cabem sofrimentos, anseios e alegrias, e onde o amor triunfa numa elegia de pureza.

As personagens centrais, ou seja as primeiras, têm um vigor de grande intensidade e dramatização, havendo muitas cenas que fazem suspender a leitura, para obrigar o leitor a meditar.

«Almas Rústicas» — que traz uma linda capa da autoria de Ana B. de Gusmão, e é editado pela «Homo, L.ª», de Lisboa, merece ser lido e arquivado em todas as estantes.

Felicitemos o ilustre escritor que concebeu e que escreveu «Almas Rústicas».

Polícia de Segurança Pública

Com o pedido de publicação recebemos o seguinte:

O Sr. José da Silva Gonçalves, casado, industrial, residente na Rua da Rainha, desta cidade, enviou a este Comando com 500\$00, o officio que abaixo se transcreve:

Ex.^{mo} Sr. Comandante da Polícia de Segurança Pública de Guimarães.

Cumpro o grato dever de patentear a V. Ex.^a o meu profundo reconhecimento pela correção e caprumo, com que se houve a Corporação do s/ digno Comando, na manutenção do serviço de ordem, durante o incêndio que, na noite de 12 para 13 de Janeiro, consumiu parte do prédio da minha habitação.

Para galardoar os guardas, que tiveram a seu cargo aquele serviço, incluiu esc. 500\$00, que V. Ex.^a se dignará distribuir pelos mesmos, devendo, porém, ser distinguindo aqueles dos citados guardas que, sem alarde, resguardou cautelosa e desinteressadamente um par de brinco de grande valor estimativo, que, oportunamente entregou a quem de direito. Gestos desta natureza nobilitam quem os pratica e dignificam a Corporação de que é membro.

Com os mais sinceros agradecimentos, subscrevo-me com a maior consideração.

De V. Ex.^a

Att.º Ven. e Obr.º

a) José da Silva Gonçalves.

A renovação de Portugal

Um conjunto de grandes e impressionantes realizações de carácter social e económico assinalam, de forma convincente e irreduzível, a partir de 1935, a evolução natural da política portuguesa.

O processo de aplicação dos dinheiros públicos, por parte do Governo, começou a fazer-se, a partir dessa data, com método e inteligência.

E, subordinado a esse princípio, que tão bons resultados havia de obter para bem do País e melhoria do nível económico e social da sua população, o Governo estabeleceu criteriosamente as novas bases de uma política social, ponderando nas necessidades mais prementes, sem esbanjamentos supérfluos, e limitando a sua actividade a uma obra útil, a qual havia de culminar na renovação integral de Portugal.

Assim, começaram a surgir por todo o País, de norte a sul, dezenas de melhoramentos públicos: escolas modelares, estradas das mais belas, creches, lactários, bairros económicos, casas para trabalhadores e aeródromos, etc., ao mesmo tempo que se desenvolvia a pequena indústria e o comércio, criando-se novos e modernos estabelecimentos destinados a impulsionar o seu incremento.

A agricultura viu-se também valorizada com tais medidas de protecção, alcançando-se nesse campo um êxito absoluto, confirmado com o aumento e qualidade da produção.

E assim, sucessivamente, se foi erguendo e dilatando uma obra que é já hoje, no conceito universal, considerada como uma das mais extraordinárias e importantes da nossa época.

Todavia, para o Governo, segundo a expressão autorizada e severa de Salazar, a obra está ainda por completar.

Recentemente inauguraram-se, em Ilhavo, um grupo de casas modernas e higiénicas para pescadores e um posto médico para officiais da Marinha Mercante. Em Ponte da Pedra, no distrito do Porto, foi também inaugurado um Albergue destinado a reprimir a mendicância e a dar guarida aos trabalhadores inválidos. Em Passos da Serra, no distrito da Guarda começou a funcionar uma nova escola primária e foi solenemente inaugurada a luz eléctrica. No concelho de Alcobaca construíram-se, por sua vez, três

CONFERÊNCIAS CULTURAIS

Vai o Rotary Club de Guimarães promover uma série de conferências culturais, de carácter científico e técnico, em que devem tomar parte médicos, advogados, técnicos, industriais, etc., o que constitui um movimento notável a que resolveu dedicar-se, e muito bem, o novel Club Vimaranense, de que fazem parte muitas figuras marcantes do nosso meio.

Vamos, pois, ter o prazer de assistir em breve a algumas lições notáveis, a primeira das quais, marcada para o dia 22 do corrente, foi confiada a um nosso ilustre conterrâneo, o Sr. Dr. António Paúl, que exerce clínica na cidade do Porto — um nome já feito na Medicina.

Pulseira de ouro

Perdeu-se desde o Largo da Oliveira até à Igreja de S. Pedro e desta à camionete que vai para o Porto, uma pulseira de ouro.

Roga-se a fineza a quem a achou o favor de a entregar nesta Redacção. Gratifica-se.

novos e magníficos edificios escolares e, em Portimão, começaram a ser habitadas as 500 novas casas do bairro dos pescadores. Para obras a efectuar nos distritos de Aveiro, Bragança, Castelo Branco, Leiria, Faro e Lisboa, concedeu o Ministério das Obras Públicas mais 5.554 contos de participações.

Estas obras, todas elas de largo alcance social e económico, revelam bem o interesse do Governo pelos problemas vitais, e confirmam uma política saudável, que urge prosseguir para bem da comunidade nacional.

S. P.

Grande romagem de Fé

Efectuou-se no passado domingo, com grande imponência, a anunciada manifestação de desagravo a Nossa Senhora, para o que se reuniram naquele dia e em frente do Santuário Eucarístico da Penha, milhares de pessoas de todas as freguesias do nosso concelho, que oraram e entoaram fervorosos cânticos em honra e louvor da Virgem da Conceição.

A's 11 horas e na frente do Santuário o Rev. Capelão do Santuário da Penha celebrou missa campal, acolitando-o o Rev. Abade de S. Romão de Mesão Frio, P.º João de Oliveira.

A multidão que acompanhou fervorosamente todo o Santo Sacrifício ouviu, uma entusiástica e vibrante alocação pronunciada pelo Rev. Horácio de Araújo, talentoso abade da freguesia de Ronfe e recebeu, depois, a benção do Santíssimo Sacramento.

Todos estes actos foram acompanhados a vozes e harmonium, por um grupo de meninas do Colégio de N.ª S.ª da Conceição, que entoaram lindas composições adequadas.

Finda a missa realizou-se à volta do Santuário a procissão de Nossa Senhora que foi conduzida em seu lindo andor e muito aclamada durante o percurso.

O andor esteve voltado para a Cidade, ouvindo-se nessa ocasião repiques de sinos e foguetes. A Mesa da Irmandade, da digna presidência do Sr. Dr. João Rocha dos Santos, tomou parte nestes actos religiosos.

Círculo de Cultura Musical

Por não ter sido possível conciliar a data fixada para em Guimarães se exhibir o famoso violinista SZERYNG com a disponibilidade do nosso Teatro Jordão, onde por muita amabilidade se realizam os concertos do C. C. M., ficou sem efeito este concerto que estava anunciado para breve.

O extraordinário artista que tem contratos certos em várias capitais europeias, não pôde, infelizmente, prolongar a sua estadia em Portugal.

PIANO AMERICANO

Em estado de novo, com cordas cruzadas, armação em ferro e óptima sonoridade. Informa nesta Redacção.

Lêde e assinaí o «Notícias de Guimarães»

LIBERDADE SUFICIENTE

Estamos em pleno período de campanha eleitoral, campanha consentida pelo Governo, para a qual o Sr. Dr. Oliveira Salazar nos deu, graciosamente, a liberdade suficiente.

E' intuitivo que, numa campanha eleitoral, os diversos partidos que se degladiam aproveitem a ocasião para, com maior intensidade e veemência, fazer a crítica, mais ou menos elevada, dos actos e propósitos dos adversários, sem que tal implique grosseiras, mentiras, calúnias e má fé, se os contendores são pessoas bem educadas, inteligentes e as movem, pura e simplesmente, sentimentos desinteressados e patrióticos.

Há mais de 20 anos que se vive amodado em regime de ditadura imposta pela força armada, que não consente que se discutam e apreciem os actos governativos. Mas uma razão para que todos sintam a necessidade ingente de aproveitar estes tão escassos 40 dias de campanha eleitoral para dizerem uma palavra mínima da imensidade do que pensam, do que sabem, do que projectam e dos erros e desmandos que se lhes afigure terem sido cometidos.

O Sr. Dr. Oliveira Salazar, ao conceder-nos cinco semanas de liberdade suficiente, com certeza devia ter compreendido, por muito mesquinho que possa ser, dentro do âmbito dessa suficiência, o direito de crítica dos seus actos e das suas atitudes políticas.

Porque assim o entendi, e continuo a entender, e porque tenho responsabilidades políticas, a que não fujo, como deputado que fui da Nação e, portanto, com o direito e o dever de dizer de minha justiça àqueles milhares de cidadãos que me elegeram e aos quais, depois disso, ainda não foi permitido elegerem outro que me substituisse, escrevi um artigo de crítica, aliás bem ligeira, à obra financeira do Sr. Dr. Oliveira Salazar, no qual o aprecio como o homem público e ditador deste país. Nesse artigo não há uma palavra de descortezia ou de falta de consideração pela pessoa de Sua Ex.^a; pelo menos nunca me passou pela ideia ofendê-lo ou atingi-lo de qualquer forma na sua dignidade pessoal. Fui seu aluno e tenho por ele o respeito que sempre e em todas as circunstâncias os mestres incutem naquelles a quem ensinam.

Esperava, por isso, que não haveria qualquer embaraço na publicação do artigo, que solicitei à ilustre direcção do «Notícias de Guimarães». Este jornal pôs, nobre e patrioticamente, as suas colunas à disposição dos propagandistas dos dois candidatos à Presidência da República e é nele que eu posso, com mais facilidade e eficácia, dirigir-me ao eleitorado com quem me interessa estabelecer contacto.

Admirei de o não ver publicado no último número de 30 de Janeiro e escrevo sob a impressão da estranheza que o facto me causa.

Não concebo que o «Notícias de Guimarães» tenha, por sua livre iniciativa, retardado a publicação; e por dois motivos bem simples: porque o período em que o jornal pode cumprir a sua espontânea promessa de esclarecer, com os argumentos de cada lado, a opinião pública está prestes a terminar, só lhe restando um número a publicar antes do dia da eleição presidencial; e sobretudo, porque, tendo o «Notícias de Guimarães» publicado uma entrevista comigo no seu número de 16 de Janeiro, na qual fiz afirmações graves sobre o valor da obra

política da ditadura, implicitamente lhe incumbe a gentileza de permitir que eu me sirva das suas colunas para explicar, desenvolver e justificar as opiniões que, como não podia deixar de ser numa simples entrevista, me limitei a enunciar.

Por consequência, a falta ou retardamento da publicação do artigo deve ter sido imposta autoritariamente por quem para tanto tivesse poderes.

Mas isto é sério? Mas então que espécie de liberdade suficiente é esta? Como é que a oposição pode fazer a sua propaganda se lhe não é permitido publicar livremente o que pensa sobre os actos governativos para elucidação do eleitorado? E que terror é este duma situação que diz e proclama ter o apoio unânime do país, salvo a única excepção dos comunistas, e impede que se façam críticas aos seus actos?

Se a crítica é errada ou infundamentada não lhe faltam meios de a rebater, porque a imprensa é obrigada pela força da própria Constituição a publicar as notas officiosas do Governo. Não lhe faltam oradores para dizerem, com calúnias, insultos e mentiras ou digna, correcta e proficiente-mente, o que muito bem lhes apeteça nas suas reuniões de propaganda eleitoral para as quais são tantas as falcidades consentidas como as dificuldades levantadas para as da propaganda oposicionista.

Peço e agradeço desde já ao «Notícias de Guimarães» a publicação destas minhas palavras de protesto no único número que lhe resta para sair antes do dia 13 de Fevereiro; elas servirão de elucidação para quem estranhe que eu não procure expor os fundamentos das afirmações feitas na citada entrevista.

M. Felgueiras.

N. da R. — A bem da verdade devemos declarar que a Censura não interveio no facto, que muito lamentamos, da falta de publicação do artigo a que se refere o Sr. Dr. Mariano Felgueiras.

Santa Casa da Misericórdia

Sessão de Mesa de 4 de Fevereiro de 1949

Sob a presidência do Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

Aberta a sessão o Sr. Provedor comunicou que, por despacho superior de 20 de Janeiro findo, conforme comunicação do Sr. Governador Civil de Braga, de 1 do corrente, foi aprovado o quadro do pessoal desta Santa Casa.

A Mesa tomou conhecimento de um officio do Sr. Director Geral da Assistência a pedir informações acerca de uma solicitação que lhe foi dirigida pela Direcção dos Serviços Médico-Sociais da Federação das Caixas de Previdência para a instalação do Posto Clínico de Vizela no 2.º andar do prédio que esta Misericórdia possui naquela vila.

O Sr. Provedor informou que esteve nesta Santa Casa o Sr. Eng.º Luis de Carvalho, da Comissão das Construções Hospitalares, afim de se inteirar da possibilidade de serem levados a efeito os melhoramentos que a Mesa pretende realizar com a participação do Estado.

A Mesa resolveu associar-se aos agradecimentos que as Instituições Particulares de Assistência vão apresentar, no dia 8 do corrente, ao Sr. Sub Secretário de Assistência, enviando nesse dia a S. Ex.^a, que tanto interesse e carinho tem dispensado a esta Santa Casa, um telegrama a testemunhar profundo reconhecimento.

Foi resolvido mandar proceder a reparações no Recolhimento das Trinas e numa casa da Rua Egas Moniz.

Pelo Sr. Tesoureiro foi apresentado o balancete do cofre, que foi aprovado, verificando, também, o cumprimento dos legados e o movimento de doentes.

Foram ainda tratados vários assuntos de interesse para esta Instituição de Caridade.

Armazém de Fazendas Brancas

Passa-se com ou sem fazenda. Informa: Rua Gil Vicente n.º 16 — Guimarães.

Propaganda eleitoral

A Candidatura do Sr. Marechal Carmona

Realiza-se amanhã no Teatro Jordão, nesta cidade, uma nova sessão de propaganda da Candidatura do Sr. Marechal Carmona, promovida pela Comissão Concelhia da U. N., a que virá presidir o Sr. Ministro da Marinha.

Serão oradores: Dr. Carlos Saraiva, Dr. Marino de Carvalho, Deputado Dr. Soares da Fonseca, Eng.º Daniel Barbosa, antigo Ministro da Economia, a operária Josefina de Campos e o Presidente da Assembleia Geral do Sindicato da Indústria Têxtil.

Uma sessão em Ronfe

Realizou-se na quarta-feira, em Ronfe, no amplo salão da Casa do Povo, uma sessão de propaganda eleitoral, que decorreu com muito entusiasmo e registou numerosa concorrência.

Presidiu o Sr. major Nery Teixeira, chefe do Distrito, que de Braga se fez acompanhar de várias individualidades, entre as quais o deputado Sr. Dr. Alberto Cruz e António Santos da Cunha, da Comissão Distrital da União Nacional.

Aberta a sessão, a assistência entou, em coro, o Hino Nacional, ouvindo-se, depois, vibrantes aclamações a Portugal, a Carmona e a Salazar.

Falou em primeiro lugar o empregado de escritório Sr. Domingos Gonçalves, que se referiu largamente aos benefícios concedidos pelo Estado Novo aos trabalhadores. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o Sr. Vasco da Gama Lobo Xavier.

Falou seguidamente, o operário Francisco Andrade Júnior que recordou as promessas dos antigos políticos, que nada fizeram pelas classes trabalhadoras, e referiu todos os benefícios concedidos pelo Estado Novo. Pede que todos votassem em Carmona.

A operária Josefina de Oliveira Campos apontou os benefícios que já recebeu do Estado Novo e como ela todos os seus companheiros de trabalho.

O Deputado Sr. Dr. Alberto Cruz teve palavras do maior elogio para os Srs. Oliveira Pinto e António Melo, aos quais Ronfe deve incalculáveis benefícios e de uma forma especial as classes trabalhadoras da localidade.

Faz o elogio de Salazar, que só pelo bem do povo tem trabalhado. Combate o comunismo, apontando-o como o maior inimigo da nossa Pátria.

Diz que devemos aceitar a luta, mas confiamos plenamente de que a vitória será nossa em todo o sentido. E exclama, entre vibrantes aplausos: «Carmona não precisa dos nossos votos; nós é que precisamos dele!» O Sr. Dr. José Joaquim de Oliveira é o orador seguinte.

Começa por saudar o chefe do Distrito, prestando depois, homenagem aos Srs. António de Melo e José Oliveira Pinto — os dois homens a quem especialmente se ficou devendo a Casa do Povo de Ronfe.

Ainda à luta que se está travando, provocada pela Oposição, que outro desejo não manifesta senão regressar ao passado, destruindo tudo o que nestes vinte e dois anos se realizou em prol de Portugal, da sua grandeza e do seu prestígio.

Por último, usou da palavra o Sr. Governador Civil que se congratulou pela forma como a sessão tinha decorrido.

Comentou cada um dos discursos proferidos e terminou por manifestar toda a confiança no povo de Ronfe, que briosamente saberá prestar a sua gratidão ao Estado Novo no acto eleitoral do próximo dia 13.

Uma estrondosa salva de palmas coroou as palavras do Sr. Major Nery Teixeira, depois do que a assistência ovacionou entusiasticamente o Estado Novo e entou o Hino Nacional.

Nas Caldas das Taipas

Efectuou-se ontem à noite nas Caldas das Taipas, na sede da Junta de Turismo, uma sessão de propaganda promovida pela U. N., tendo presidido o Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, ladeado por outras individualidades.

Referiram-se ao actual momento político, exaltando as figuras de Carmona e Salazar e a obra do Estado Novo, os Srs. Dr. Carlos Saraiva Brandão, José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante do Batalhão 13 da L. P. e Dr. Jorge da Costa Antunes, sendo muito aplaudidos.

ALUGA-SE Um escritório no primeiro andar dum prédio no sítio mais central da cidade. Informa esta redacção. (32)

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

A Candidatura do Sr. General Norton de Matos

Comunica-nos a Comissão Concelhia dos Serviços de Candidatura do Ex.º Sr. General Norton de Matos, que a sessão de propaganda que oportunamente requerera, para se efectuar no dia 4 do corrente no Teatro Jordão, se não realizou por ter sido proibida pelo Sr. Comandante da P. S. P. desta cidade, no dia 3, às 11,30, tendo sido, porém, autorizada pelo Sr. Governador Civil por despacho do dia 2. O fundamento imitado pela policia não está previsto na Lei.

O estabelecimento moderno que vai abrir brevemente na Rua de Santo António denomina-se «A IMPERIAL»

Beneficência do «Notícias»
Transporte 295\$00
Recebemos do Sr. Alfredo Barbosa da Silva Melo Júnior, de Gémeos 20\$00
A transportar 315\$00
Os nossos agradecimentos em nome dos contemplados.

As Comemorações da Assc. Artística Vimaranesse

Como já noticiamos, em nosso último número, têm lugar hoje, as Comemorações do 79.º aniversário da fundação da antiga colectividade mutualista — a Ass. Artística Vimaranesse.

Segundo informações recebidas, estas comemorações atingirão desusado brilhantismo, já pelo acerto do programa elaborado, já pelo concurso obtido de amigos e admiradores da quefita simpática associação.

A hora em que o nosso jornal é posto a circular, deve estar a decorrer o acto da Missa Estatuária, rezada na Basílica de S. Pedro e a que muito piedosamente preside o ilustrado capelão da «Artística», Rev.º Avelino Pinheiro Borda.

Pelas 11 e um quarto, efectuar-se-á, na sede associativa a Sessão Solene, sob a presidência do Ex.º Representante do Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência e na qual usará da palavra o muito digno Presidente da Direcção, Sr. Luís Filipe Coelho, o Professor Primário Oficial, Sr. A. Sílvio de Macedo e a aluna do Ensino Commercial, Margarida Rosa Fernandes dos Santos.

Durante esta Sessão serão distribuídos prémios em dinheiro e em livros a 36 filhos de sócios e internados das Oficinas de S. José e Asilo de Santa Estefânia; descerradas as fotografias dos Sócios Honorários e Beneméritos, Srs. A. L. de Carvalho e José Torcato Ribeiro Júnior; inaugurado um Quadro de Honra, com a inscrição dos nomes dos dadores de prémios; e fornecido um Bodo a 30 viúvas, que, mercê a generosidade do Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, é um dos mais valiosos que as Direcções daquela Colectividade têm distribuído.

A's 15 horas, Baile promovido pelo «Grupo Excursionista» — o Berço da Pátria, que, desejando também patentear a sua simpatia pela «Artística», ofereceu variados enovais para os filhos de sócios recém-nascidos.

A's 21,30, terminam as Comemorações com um Sarau Musical promovido pela «Tuna da Associação Artística», com a colaboração do engraçado conjunto artístico «Ritmo Lonco», executando a Tuna na 1.ª parte as composições seguintes:

Grupo Musical, de J. Chicória; Primavera (Ouverture), de Ribeiro Dantas; Saudade (Valsa), de A. Vale e Viúva Alegre (Seleção), de Franz Lehar. A terceira parte será preenchida pelo Intermezzo Religioso, de A. Vale; Cavalaria Rusticana (Seleção), de Mascagni; e Hino da Associação, de Araújo Mota.

O Rev.º Doutor Manuel de Faria — o único sacerdote português formado em Ciências Musicais por Roma — prelecionará na abertura deste Sarau, sobre um tema da sua especialidade.

Agradecemos a honra do convite e formulamos os melhores votos pelas prosperidades da «Artística Vimaranesse».

Lida e propagal o «Notícias de Guimarães»

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

O Problema Agrícola Português considerado à luz da psicologia, da pedagogia e da sociologia.

Na série doutrinária das conferências da Liga de Profilaxia fez uma notável preleção o Sr. Dr. Mário Gonçalves Viana, eminente polígrafo, que à Nação tem prestado os mais altos serviços. Na sua brilhante conferência que se intitulou «O Problema Agrícola Português considerado à luz da psicologia, da pedagogia e da sociologia» tocou com muita inteligência alguns assuntos, que à agricultura portuguesa altamente interessam. Eis alguns dos tópicos desta palestra:

Será Portugal um país agrícola? — A necessidade de uma «consciência rural». — A lição da História. — As leis de protecção à agricultura e o seu insucesso. — A reforma imprescindível da mentalidade portuguesa. — A necessidade de um escol agrícola. — A lição da psicologia. — O problema pedagógico: o ensino rural e o ensino agrícola. — O que há a tentar. — Os perigos da hora presente. — A guerra entre a cidade e o campo. — O caminho do resgate.

Porque a sala, embora grande, não contivesse senão uma pequena parte dos que desejaram assistir a esta conferência, por todos os títulos brilhante, e que por esse motivo se viram obrigadas a retirar, logo ficou assente imprimir tão importante trabalho, oportunidade que agora se oferece.

E no desejo de sermos úteis aos portugueses, principalmente àqueles que se dedicam à agricultura, resolvemos vender cada exemplar pela modesta quantia de 5\$00, cujo produto líquido, se o houver, reverterá a favor de novas publicações. Para isso bastará que os interessados requisitem o número de exemplares que desejem à Liga de Profilaxia, a qual tomará a sua conta as despesas de expedição e cobrança, ou então a qualquer livraria, sendo depositária em Lisboa a Livraria Central, à Avenida Almirante Reis, 14.

A todos os jornais do País, sem distinção de credos políticos ou religiosos, oferecemos exemplares, pedindo com empenho aos Srs. Directores a maior difusão desta nota, ou o que será muito melhor, qualquer notícia crítica sobre tão útil trabalho.

O lema da cidade de Guimarães é o seu progresso. «A IMPERIAL» contribuirá para esse fim.

Guarda-livros

Oferece-se para fazer escrita de Fábria, possuindo habilitação e dando referências. Carta às iniciais J. G. a esta redacção. 37

Escritório ALUGA-SE em sítio central. Informa esta redacção. (34)

Galinhas Leghorn branca Importadas em 1948 da Holanda. VENDEM-SE ovos para incubação na Casa d'Arca. Telefone 4195. 25

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:
No dia 7, o nosso prezado amigo sr. Engenheiro Eleutério Marius Fernandes, director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, e mademoiselle Maria José, filha do nosso bom amigo sr. Constantino da Costa Lameiras; no dia 8, o nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Francisco Viriato de Castro Guise e a senhora D. Antonia Teixeira Mendes Duarte, esposa do nosso bom amigo sr. Domingos Duarte e proprietária da acreditada «Pensão Império»; no dia 9 o nosso prezado amigo sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior; no dia 10, o nosso prezado Conterrâneo e Amigo e distinto Pintor de Arte Professor Abel Cardoso e os também nossos prezados amigos srs. Inácio Ferreira da Costa, Manuel Simões Sobral e José Parades; no dia 11 os nossos prezados amigos srs. Alberto Pimenta Machado Júnior, activo gerente da Fábria de Tecidos de Vila Pouca e Joaquim Guise, o menino José Manuel da Veiga de Castro Ferreira, filho do distinto clínico e nosso prezado amigo sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira e a menina Maria Amélia, filha do nosso prezado amigo sr. Mário Gomes Alves; no dia 12 a sr.ª D. Elvira dos Anjos Freitas Oliveira Bastos, esposa do nosso bom amigo sr. Abel de Oliveira Bastos e o nosso prezado amigo sr. Simão Neves, ausente no Rio de Janeiro; no dia 13 as sr.ªs D. Balbina de Sá Alpoim, ausente na cidade da Beira, filha do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Meneses; D. Aida Julieta Fernandes, filha do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Fernandes e D. Amélia Machado e o nosso prezado amigo sr. João Antunes Guimarães Júnior, residente em Britteiros.

Notícias de Guimarães apresentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 11 faz anos a menina Rosa Maria de Lemos Fernandes, filha do nosso bom amigo sr. Ernesto da Silva Fernandes e de sua esposa a sr.ª D. Cândida de Lemos, residentes no Rio de Janeiro.

Completa hoje dez risonhas primaveras a nossa amiguinha e interessante Maria do Carmo, filha do nosso prezado Director e de sua esposa a sr.ª D. Laurinda Gonçalves Dias de Castro, motivo por que lhe enviamos muitos parabéns.
Também passa hoje o aniversário natalício do nosso bom amigo sr. Avelino de Araújo Dantas e de sua irmã a sr.ª D. Sara Augusta de Araújo Dantas, aos quais enviamos as nossas felicitações.

Partidas e chegadas
Regressou de Lisboa, onde esteve alguns dias de visita a pessoas amigas, o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. Jerónimo de Almeida.
Tem estado na capital o nosso prezado amigo sr. Inácio Ferreira da Costa.
Fizoz residência, com sua família, na Foz do Douro, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Luís Correia de Sousa Areias.

Doentes

A tratar da sua saúde recolheu ao Sanatório de Lourado da Serra, a senhora D. Teresa de Jesus da Costa Nogueira de Almeida, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu José de Almeida. Desejamos as suas melhoras.
Têm passado incomodados os nossos bons amigos srs. Francisco de Assis Pereira Dantas e Guilherme Joaquim dos Santos Silva, aos quais desejamos rápidas melhoras.
Devido a uma desastrosa queda sofreu fortes lesões internas o estimado académico e nosso bom amigo sr. Jaime Xavier de Carvalho, filho estremenoso do nosso prezado amigo sr. João Xavier de Carvalho, zeloso funcionário municipal. O doente depois de ter recebido os primeiros cuidados médicos em Braga, recolheu a esta cidade, a casa de seus pais. Desejamos as suas rápidas melhoras.
Têm passado ligeiramente incomodados os nossos prezados amigos srs. Prof. José Luis de Pina e João António Sampaio. Desejamos-lhes rápidas melhoras.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Rafael Pereira Lopes
Em Braga, onde residia na Rua Nova de Santa Cruz, faleceu na terça-feira o nosso bom amigo Sr. Rafael Pereira Lopes, de 38 anos de idade, conceituado mecânico-dentista, deixando profundamente consternada toda a sua dedicada família.
O extinto era casado com a nossa conterrânea Sr.ª D. Maria Cândida Nunes Lopes; pai das meninas Maria Fernanda e Maria Amélia Nunes Lopes; irmão das Sr.ªs D. Ernestina Pereira Lopes Ferraz, D. Rosalina Pereira Lopes e D. Maria Celeste Pereira Lopes Azevedo e do Sr. José Pereira Lopes e cunhado das

MANUEL BERNARDO ALVES

MISSA DO 30.º DIA

A família roga às pessoas das suas relações o favor da assistência à missa do 30.º dia que por alma do saudoso extinto se celebra na próxima quarta-feira, 9 de Fevereiro, pelas 8 1/2 horas, na igreja da Misericórdia, ficando, desde já, muito reconhecida.

Sr.ª D. Amélia de Moura Nunes e D. Aurora da Conceição Lopes e dos Srs. Adriano Beza Ferraz e Avelino José Pereira Azevedo.

O seu funeral realizou-se naquela cidade na quarta-feira à tarde para o Cemitério de Nogueiró, onde os restos mortais do finado ficaram sepultados em jazigo de família.

A toda a família dorida, especialmente à esposa e filhas do saudoso extinto apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de seu sogro, ocorrido há dias em S. Torcato, onde residia, encontram-se de luto os nossos prezados amigos Srs. J. Gualberto de Freitas, nosso distinto camarada e Arnaldo de Sousa Lobo, funcionário da Secção de Finanças, aos quais, assim como a restante família dorida, apresentamos condolências.

Alberto Tadeu Ribeiro

No Sanatório de Semide, onde há tempos se encontrava em tratamento, f. leceu na quinta-feira o nosso conterrâneo Sr. Alberto Tadeu Ribeiro, filho do estimado conterrâneo dos Bombeiros Voluntários Sr. Domingos Tadeu Ribeiro.

O infeliz mancebo, que contava apenas 23 anos, tendo recebido no domingo a visita de seus pais, ainda com eles passeou, nada fazendo prever um tão rápido desenlace.

A sua família apresentamos condolências.

Vida Católica

S. Sebastião dos Milagres — Decorreu com grande brilhantismo a festa em honra de S. Sebastião dos Milagres, que no passado domingo se realizou no templo Paroquial de S. Sebastião (Dominicas) desta cidade.

Agradaram muito o sermão feito pelo Rev. Fr. Correia Pinto que no mesmo templo e durante uma semana realizou uma série de conferências, e a parte coral, confiada ao Rev. Alberto Braz, de Braga, com acompanhamento a grande orquestra.

Presidiu a todos os actos, cantando a missa e o solene Te-Deum o ilustrado Prior de S. Sebastião Rev. Comendador Augusto Borges de Sá. O templo, que registou grande afluência de fiéis tanto na solenidade de manhã como na de tarde, ostentava luxuosa decoração da Casa Eugénio & Novais.

Diversas Notícias

Remetidos ao tribunal

A Policia enviou ao Tribunal: Rafael de Freitas, casado, sem profissão, da Rua P.º António Caldas; João dos Santos Carvalho, solteiro, pulidor, da Rua Santa Maria e Francisco das Neves Rocha, casado, pedreiro, da Rua D. João I, por na noite de 29 para 30 de Janeiro terem causado danos numa das portas do estabelecimento do Sr. Umberto Guimarães Pinheiro, no Largo do Toural.

Santa Casa da Misericórdia

O Eng.º Sr. Luis de Carvalho, da Comissão de Construções Hospitalares, esteve, ultimamente, no Hospital da Misericórdia desta Cidade, a inteirar-se dos melhoramentos que

EMÍLIA PEREIRA DUARTE

AGRADECIMENTO

Tomaz Fernandes e seus filhos vêm por esta forma cumprir o dever de agradecer, profundamente reconhecidos, a todas as pessoas que os acompanharam no seu grande desgosto, por motivo do falecimento de sua saudosa Esposa e Mãe, quer apresentando-lhes condolências, quer tomando parte no funeral e nos sufrágios por sua alma, testemunhando-lhes, a todos, por esta maneira, a sua indelével gratidão. Guimarães, Creixomil, 4 de Fevereiro de 1949.

Tomaz Fernandes e Filhos.

Ultima questão boer

Do meu velho amigo José Manuel da Costa.

De vez em quando lá volto a rememorar a velha papelada à procura de recordações e parece que surgem do meio daquelas papéis amarelados umas imagens esbatidas do que por lá passei, pelo sul de Angola, vai em vinte anos.

Destas confusas recordações ainda a fugidia memória pôde conservar alguma coisa que vai anotando aos poucos e poucos, para reconstituir um pouco do passado, que nunca mais volta.

Em Novembro de 1927, constituiu-se, no Distrito de Huila, uma Brigada de Cadastro, para demarcar os terrenos que existiam no Planalto da Humpata e que, exceptuando a própria povoação, pertenciam, na sua maioria, à colónia boer.

Fazia eu parte dessa Brigada juntamente com o Gervásio Campos de Carvalho e Luciano Dias, este último falecido há anos.

Publicara-se um mês antes um Decreto, o 633, que vinha regular a legislação a respeito de concessões de terrenos daquela região, que datavam de 1882, pouco tempo depois da chegada àquela planalto da colónia boer.

Até ao mesmo tempo que se tomavam estas medidas, houve, não sei que propagação entre a colónia boer, que se intensificou nessa ocasião, para regressarem às terras que há muitos anos tinham abandonado e que pertenciam agora à União Sul-Africana.

Parece que não era esta a primeira vez que tal sucedia, lembrando-me de que alguns boers passaram em Namacunde em 1917, quando eu lá estava, e até esperarem alguns dias que lhes fosse concedida, pelas nossas autoridades, a respectiva documentação de saída.

Houve certa agitação entre eles, principalmente por terem espalhado que a nossa Brigada os ia expulsar dos terrenos que há tantos anos iam ocupando, para os distribuir a colónia nossoa.

Nada mais falso, e o primeiro cuidado foi o de desmentir tal atoarda e explicar-lhes o nosso fim e a essência desse Decreto.

Apesar de tudo isso formaram-se partidos, uns que diziam que se deviam retirar e outros que deviam aceitar a nova legislação, que achavam justa.

A essência do Decreto consistia apenas em recensear as propriedades desse planalto, verificar se as suas áreas correspondiam às que foram concedidas 45 anos atrás; se estavam devidamente legalizadas, conforme qualquer das legislações anteriores; nos terrenos ocupados, mesmo sem qualquer título, estavam, ou não, aproveitados; o estado das culturas, edificações e apreciação geral das propriedades; iniciar a legalização dos que não tivessem qualquer título de posse e limitar as áreas ao que fosse legal e justo, tudo isto sem despesa alguma para os proprietários.

Dava-nos esse Decreto a faculdade de marcarmos entre o que encontrássemos com vestígios de cultura e o quintuplo dessa área, conforme o aproveitamento demonstrado nesses largos 45 anos.

O planalto da Humpata deve ter uma área de uns 1.000 quilómetros quadrados, contando 50 quilómetros na direcção NS e 20 de L-O, uma extensão aproximada de metade do Distrito de Braga.

Nessa extensa área havia talvez umas 140 a 150 parcelas de boers, portugueses e pretos, exceptuando um quilómetro quadrado, aproximadamente, ocupado pela povoação da Humpata.

De 100 parcelas que recenseámos, pertencentes a boers, e cujo censo não completámos por se ter iniciado outro serviço, só um proprietário possuía os documentos legais e a respectiva carta de concessão da Junta da Fazenda de 1896; quanto aos restantes foram sujeitos ao critério do Decreto.

Trabalhámos nas regiões da Palanea em 45 parcelas; na das Neves, Falcope e Tchanganala em 53 e em 2 das proximidades da Humpata, além de 100 de portugueses na própria povoação.

Das nossas observações e apontamentos se fez um relatório, cujo res-

cunho possuio, e de que vou transcrever algumas passagens que muito podem elucidar esta questão.

«Por falta de documentos, abandono de propriedades e longa ausência dos proprietários, teve a Brigada de limitar as parcelas aqui que evidentemente poderia ser julgado na posse do agricultor, dando-se esse caso em algures.

«Para outros, que cultivavam com esmero e boa-vontade os seus terrenos, applicou a Brigada o critério do Decreto até ao quintuplo, o que fez ver que esta não andava com os propósitos que se espalharam ao principio.

«Um certo número de proprietários mandou fazer o levantamento dos seus terrenos para a sua concessão definitiva, que está pendente da aprovação de Luanda.

«Devo informar que na sua maioria estes terrenos estão mais ou menos aproveitados e nas mãos de criaturas de maior permanência nesta Circunscrição.

«Na região da Palanea é que teve de se cortar a algumas parcelas por exaço da área total em relação com o terreno cultivado, mas no Falcope e Neves já se não dá o mesmo caso devido à menor extensão das parcelas e estas estarem, na sua maioria, aproveitadas na sua totalidade.

«Na região das Neves encontramos uma colónia de pretos portugueses e zulus, estes últimos ex-escravos trazidos pelos boers.

«Pode dizer-se que a Palanea está em poder dos boers, pois esta região, talvez com 3.000 hectares, está ocupada por eles, em 1.600, e destes os melhores ou únicos cultiváveis nas condições em que se faz a agricultura no Planalto.

«No Falcope prevalece o agricultor português.

«Nas Neves os pretos.

«De todos estes são os pretos das Neves quem mais e melhor cuida da agricultura.

«Na Palanea há grandes tractos de terreno para trigo, mas não há parcela que vá além de 40 hectares e só uma desta extensão.

«A agricultura nessa região assim como no Falcope, quase se limita ao trigo, havendo um ou outro que planta batata e semeia milho, mas de uma forma desordenada e muito à semelhança do preto, não podendo, por isso, marcar como cultura característica.

«O trigo tem maior desenvolvimento, mas ainda assim não tanto como poderia ser, se empregássem um pouco mais de cuidados, que dedicam de preferência ao gado.

«As alfaias empregadas são primitivas e se não têm a ajuda do preto, cujo auxilio reclamam insistentemente, creio bem que abandonarão esta cultura e até a região porque não têm aquele espirito de trabalho característico do nosso colono que se agarra à rabiça do arado.

«Creio bem que esta falta de braços negros lhes tem trazido um certo desânimo, traduzido em propostas de venda de várias propriedades, algumas das melhores da Palanea, o que comunicarei superiormente.

«O boer dedica-se de preferência à criação de gado, mas por processos rudimentares, e para melhorar um pouco a vida cultivava então o trigo.

«Por vezes alegam, creio mesmo que todos, a necessidade de terrenos para pasto de gados, que seria a única razão de se conservarem nesta região.

«Na Palanea, a região mais populosa, os respectivos proprietários têm também terrenos na Mucuma e no Otchinjan, onde passam a maior parte do ano, vindo aqui apenas na ocasião do trigo, e creio bem que pouco cá se demoram, para voltarem onde têm os seus gados.

«Encontrámos terrenos de boers arrendados a portugueses, que os cultivam, enquanto aqueles estão em Mucuma e Otchinjan, dedicados aos gados.

«Há boers detentores de regulares áreas de terreno, que vivem na indigência, mas que os não cultivam por não terem pretos — dizem eles.

«No Falcope prevalece a colónia portuguesa, que trabalha na agricul-

tura e se dedica; da parte dos boers, pequenas parcelas.

«Nas Neves, à parte um boer, Niklass Swartz, que tem bastante terreno aproveitado, os restantes possuem pequenas parcelas, que lhes dão para o seu parco sustento.

«Nota-se, porém, uma florescente colónia de pretos que aprenderam a cultivar as suas terras e que têm excelentes culturas, cuidadosamente tratadas e todo o terreno aproveitado; dá-se até o caso curioso de que quem tem melhor casa europeia e melhor cultura é um preto zulu, Chlapett, na região do Honbo.

«Mais para perto do Falcope há uma grande extensão de terreno ocupado por boers e um preto, tendo este mais e melhor que os três boers seus vizinhos.

«Quando quis demarcar o terreno de Piernelle Woram, que tem uma escritura de compra, quis ele estender o seu terreno até ao seu vizinho, afastado uns 800 metros, alegando que não desejava mais vizinhos, que geralmente se davam mal uns com os outros.

«Isto, creio eu, caracteriza bem o viver dos boers, isolados, indolentes e vivendo do que a terra e o gado lhes dá, sem grandes trabalhos e vivendo afastados uns dos outros.»

Foram estas as impressões que colhi nesse tempo e também me recordo da tal propagação dessa ocasião, sem outra causa que não fosse, segundo se dizia, e julgo que apoiada na imprensa sul-africana, e da pretensa espoliação dos terrenos pertencentes há muitos anos aos boers do planalto da Humpata.

Mas, afinal, o que sucedia e pelo que se vê, era que essa gente de vida semi-nómada e de um fatalismo que os levava a não criarem raízes estáveis numa região, se afastava do convívio dos centros civilizados, levantava as suas tendas e lá ia outra vez à procura de novas extensões onde ainda poderia alargar os seus passos incertos.

Disseram-me que alguns desses que em 1928 abandonaram estas terras hospitaleiras e acolhedoras, voltaram arrependidos.

E que outros, possuidores de bens de fortuna, mandam, do que se pode considerar um exílio, os seus filhos a completarem os seus estudos no Liceu de Sá da Bandeira, onde foram educados e a que os ligam, certamente, fortes laços de saudade.

Juguelros, 8-9-48.

A. de Quadros Flores.

Mais um estabelecimento modelar que contribui para o progresso de Guimarães. Abre brevemente na Rua de Santo António.

Não esqueça "A IMPERIAL"

Casa dos Pobres

Assembleia Geral

Por ordem do Sr. Presidente e para feitos da votação e discussão do Relatório e Contas respeitante à gerência do ano de 1948, convido os Srs. Subscritores para uma reunião da Assembleia Geral, que se efectuará na Sede desta Instituição, pelas 17 horas do dia 6 do próximo mês de Fevereiro.

Quando não compareça número legal de sócios, a mesma Assembleia efectuar-se-á, no dia imediato, dia 7, à mesma hora, com qualquer número de Subscritores presentes. Guimarães e Secretaria da Casa dos Pobres, 29 de Janeiro de 1949.

O Secretário da Assembleia Geral, a) António E. da Costa Ribeiro

breve se cometeu em amizade e familiaridade.

Este nosso convívio tinha a sua repercussão necessária nos passeios: gente nova que andar e saltar, e eu, que não era positivamente o velharrão calvo e desdentado que hoje sou, acamaradava facilmente para estas expansões desportivas, sobretudo se eram para a aldeia.

Fui por isso várias vezes, com os Farias, sobretudo com os mais novos, à Casa da Bur-naria, onde eles tinham, se bem me lembro, caseiros que olhavam pela casa e pela quinta. E até foi lá que eu pesquei um livro em muitos volumes, que ainda hoje possuio: L'année chretien, de P.º João Croiset.

O sempre facetos e jovial Ge-

Grande Feira Anual e Festa Religiosa EM S. TORCATO

No privilegiado local do Mosteiro de S. Torcato, incontestavelmente um dos mais famosos centros de romagem, realiza-se no dia 27 de Fevereiro a tradicional Feira Franca anual de gado bovino, e no majestoso templo grandioso solenidades religiosas pela comemoração do aniversário do Martírio de S. Torcato. Durante o dia será transmitido, por dois potentes alto-falantes, um belo e escolhido programa de música de disco.

A Comissão Organizadora deste certame estabeleceram os seguintes prémios:

Gado bovino: — 1.º, ao expositor da melhor junta de bois de engorda, 250\$00; 2.º, ao expositor da melhor junta de bois de trabalho, 150\$00; 3.º, ao expositor da melhor junta de touros a 2 dentes, 100\$00; 4.º, ao expositor da melhor junta de touros sem desfecho, 80\$00; 5.º, ao expositor da melhor vaca de criação e produção leiteira 2 a 6 anos, 150\$00; 6.º, ao expositor da melhor vaca cheia da primeira cria, 100\$00.

Corridas de gado cavalari: — 7.º, ao cavalo ou égua que mais correr a passo travado, 400\$00; 8.º, ao cavalo ou égua que mais correr a galope, 150\$00; 9.º, ao jumento que mais correr, 50\$00.

A Festa Regional mais completa e que melhor se apresentará na feira será conferido o prémio de 300\$00.

NOTAS: — Os concorrentes aos prémios de gado bovino e corridas de gado cavalari terão de dar entrada no local da feira, respectivamente, até às 13 horas, acompanhados dos respectivos animais e inscreverem-se imediatamente, até às 13,30 horas, na casa onde estão instalados os alto-falantes. A distribuição dos prémios ao gado é às 16 horas. As corridas começam às 17 horas e nenhum dos corredores pode repetir a corrida, a não ser que a respectiva Comissão o autorize. Não é permitida a apelação para a decisão da Comissão. Todo e qualquer dos prémios só será conferido desde que apareçam, para o gado bovino, dois concorrentes, e para as corridas quatro concorrentes da mesma categoria, em condições de poderem ser inscritos. Além dos prémios indicados haverá muitos outros que a Comissão previamente anunciará por meio de alto-falantes, colocados nos terrenos da feira, e que serão um belo passatempo para o público que a esta feira assistir.

A Comissão está a trabalhar activamente para o estabelecimento de carreiras de camionetas entre a cidade de Guimarães e o local da feira, tendo falado já com o respectivo empresário, o qual se prontificou a pedir a indispensável autorização. Se esta for dada, as camionetas partirão da Casa Braga e Carvalho.

Atendam-se os baixos do Largo da República do Brasil n.º 45, próprio para qualquer Ramo de Comércio.

TRANSFORMADOR

Vende-se em estado de novo, marca "Aseia", de 25 kws., para corrente de 220 volts., por motivo de aumento de indústria.

Informa-se nesta redacção.

VENDE-SE

Duas moradas de casas no centro da Cidade com os rendimentos mensais de 1.400\$00 e 700\$00 e ainda uma outra morada de casas em construção. Para ver e tratar com MARTINHO DA SILVA — Guimarães.

resino, em eterna juventude mental, crismou com muito acerto a minha velha doença, apodando-a de *maldita*. E' realmente uma senhora que não aprendeu as regras de boa educação, e por isso não se doí nem arrepende de nos trazer muitos amargos de boca.

Um desses amargos me chegou agora, ao olhar para o retrato dos sócios fundadores do Centro Recreativo Num'Alvares. Esse grupo está mesmo em frente da cama onde eu curo e peno as minhas frequentes enxaquecas, e tanto tenho olhado para ele, que devia saber de cor e salteado, que não se tratava de tripeça nem de triunviratos, mas sim de uma autêntica mesa de quatro pés.

Como é que eu escrevi que eram só três? E' a tal *maldita* a fazer das suas: cansa a cabeça e torna-a esquecida e tonta, fazendo dizer tolices... Sim, eram realmente quatro as colunas deste modesto edificio: além dos dois já nomeados, havia o Joaquim Pimenta; e além do Joaquim Pimenta, havia... quem é capaz de me dizer o que havia? Eu já lhes digo. A fotografia a que me refiro, foi tirada na Rua Paio Galvão, numa casa que já não existe, no sítio onde hoje está o Armazém do Sr. Alberto Pimenta Machado. Eu estou sentado e ladeado do Augusto Melo e do Júlio Pimenta; atrás estavam dois de pé, e um deles é, sem tirar nem pôr, o Sr. Dr. António Leite de Faria. Eu não lhes dizia que no Centro havia um consócio que é *Alguém*?

Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21 horas

ELES AÍ ESTÃO, MAS DESTA VEZ NO RIO DE JANEIRO.

BING Crosby — BOB Hope — DOROTHY Lamour.

A CAMINHO DO RIO

CROSBY fala português, BOB convertido em C. MIRANDA! Cem minutos de riso!

Terça-feira, 8, às 21 horas:

JOHN GARFIELD, ELEANOR PARKER, DANE CLARK, em:

UMA LUZ NAS TREVAS

A história verdadeira de dois noivos separados pelo mesmo ideal: A Pátria. E quando ele regressa cego...

Quinta-feira, 10, às 21 horas:

Uma obra-prima! O conflito mais intenso e realista que o cinema nos deu até hoje!!

ESCRAVO DA PAIXÃO

com: PAUL HENREID, ELEANOR PARKER e ALEXIS SMITH.

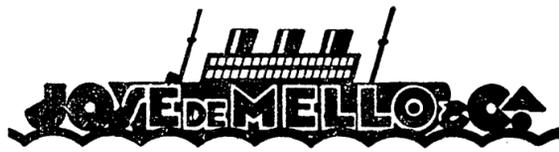
Sábado, 12, às 21 horas:

SESSÃO POPULAR

DOIS FILMES QUE SÃO DUAS ARREBATADORAS EPOEIAS!!! NA PISTA DA MORTE e CAVALEIROS DA MORTE

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicilio.



Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 8.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Propriedades em Revêlhe — Fafe

VENDEM-SE, em conjunto ou separado, as que formam as quintas de Revêlhe, do Bento e do Paço, pertencentes que foram a Olímpio Mendes d'Oliveira. Tratar com o Banco Aliança — Avenida dos Aliados — PORTO.

MATAR SAUDADES

XXI

Ainda se lembram daquele passeio fatídico com os filhos do procurador Sr. Francisco Faria, e do célebre cão danado? Pois não escarmentei; e continuei a dar passeios com os rapazes para a Penha, para S. Jorge de Selho, para S. Torcato, para Gominhães, e até para mais longe.

Por mercê de Deus e das minhas pernas, também os dei para perto, e até para bem perto de Guimarães. Lembram-se da modestíssima e pitoresca rua dos Palheiros?

Pois às vezes ia a casa de uns amigos que também eram Farias, e toca a abalar para as bandas de Azurém, metendo por essa rua!

Que Farias eram esses, e que faria eu com esses Farias? Por certo que fazíamos óptima e magnífica farinha, sem assomos de farelo. Para isso bastava eles terem um pai e uma mãe como raríssimas vezes aparecem nesta nossa terra, bons cristãos e bons educadores. O pai era um grande homem de bem, de uma singular meticulosidade e aprumo assim nos deveres domésticos como nos da sua profissão de médico, que se chama Dr. António Baptista Leite de Faria. Com ele e sua ex.ª família travei conhecimento logo de princípio; conhecimento que

breve se cometeu em amizade e familiaridade.

Este nosso convívio tinha a sua repercussão necessária nos passeios: gente nova que andar e saltar, e eu, que não era positivamente o velharrão calvo e desdentado que hoje sou, acamaradava facilmente para estas expansões desportivas, sobretudo se eram para a aldeia.

Fui por isso várias vezes, com os Farias, sobretudo com os mais novos, à Casa da Bur-naria, onde eles tinham, se bem me lembro, caseiros que olhavam pela casa e pela quinta. E até foi lá que eu pesquei um livro em muitos volumes, que ainda hoje possuio: L'année chretien, de P.º João Croiset.

O sempre facetos e jovial Ge-

Guimarães pode envaidecer-se de ter tal filho. Depois de andar lá por fora no sempre agradável mister de delegado do nosso Ministério dos estrangeiros, representando e defendendo os direitos da pátria, aí o temos em lugar de singular relevo, que não se dá nem confia a pigmeus.

Dirá agora alguém: «Com tão bons colaboradores, o Centro nunca devia falir nem abortar»; pois faliu e faleceu a breve trecho, mesmo sem nisso entrarem as minhas enxaquecas.

Tinha de ser, como se costumava dizer em nossos afortunados dias!

O amor à Terra e à Grel, eis o nosso lema.